

Lúcia Menezes
reencontra canções
do amigo Belchior



PÁGINA 3

Conto de Lygia
Fagundes Telles
em monólogo



PÁGINA 5

Começa a
reescapagem do
Festival do Rio



PÁGINA 6

2º CADERNO

'Se você não se
comunicar
em um
segundo,
alguém
desiste
de você'

Adriana Calcanhotto une hit
do TikTok, poeta alemão e
Vitor Ramil no quarto álbum de
Partimpim, a sua alter ego infantil

Por Gustavo Zeitel (Folhapress)

Adriana Calcanhotto já se arrumou e está bonitinha. Com o novo figurino, um quimono supercolorido, de onde pululam dois corações bem grandões, além de vários bichinhos de pelúcia, a cantora e compositora encarna a versão 4.0 de seu heterônimo,

Adriana Partimpim. A personagem lança, às vésperas do dia das crianças, "O Quarto", seu novo álbum para o público infantil, em comemoração às duas décadas desde o início do projeto discográfico.

No novo trabalho, Partimpim canta "to bem" - escrito assim, sem maiúsculas ou acento, como se fosse uma mensagem de WhatsApp -, hit do grupo curitiba-



Leo Aversa/Divulgação

Partimpim,
personagem de
Adriana Calcanhotto
voltada ao público
infantil, lança seu
quarto trabalho
neste mês das
crianças

no Jovem Dionísio, que fez sucesso entre as crianças no TikTok. É aquela canção do "ah, cê reparou que eu me arrumei/Ah, tô bonitinho."

"Essa coisa dos tamanhos, do tempo de atenção, foi uma coisa que mudou nas crianças, e não só nas crianças. O tempo está mais rápido, e o disco é proporcional a isso", diz Calcanhotto. "A canção 'to bem' me pegou por sua estranheza e tem um ritmo esquisito. É mais ou menos como são arranjadas as faixas agora. Se você não se comunicar em um segundo, alguém desiste de você." Continua na página seguinte

'A infância é o território em que a gente sonha e não acha que as coisas são tão impossíveis'

Produzido por Pretinho da Serpinha, "O Quarto" tem oito faixas e 22 minutos. Calcanhotto, no entanto, reconhece que suas canções sempre foram céleres, como uma interpelação aos ouvintes. "to bem" desconstrói o excesso eletrônico original, com o som do violão da artista. Ainda que o projeto Partimpim seja orientado pelas interpretações de outros autores, o heterônimo assina duas composições.

Entre elas, "Malala", uma homenagem à ativista paquistanesa, perseguida pelo Talibã, que há uma década foi laureada com o Nobel da Paz. Em tempos de guerra no Oriente Médio, o samba é tocado com a categoria de Pretinho e a dramaticidade de Partimpim, emendando as sílabas do refrão em sucessivos glissandos.

Calcanhotto lembra que a composição surgiu quando seu heterônimo recebeu um convite para assinar algumas canções da peça "Malala, A Menina Que Queria Ir Para A Escola". A faixa de abertura, "O Meu Quarto", também foi criada por Partimpim. Para o disco, a canção soa como um verso pilar, como dizia o poeta Armando Freitas Filho, morto há duas semanas. Dali, surge todo o poema - ou o disco.

Trata-se de uma carta de intenções para os pequenos ouvintes, um convite para que todos possam inventar o mundo, com "cor, música e poesia", para ser "bicho, planta, fantasia."

"A infância é o território em que a gente sonha e não acha que as coisas são tão impossíveis. A gente vai perdendo muitas coisas com o tempo, como a capacidade de viver no presente", afirma Calcanhotto. "Ela, a Partimpim, vive sempre o presente, o presente daquele disco, que está inserido naquele tempo."



Leo Aversa/Divulgação

Com a infância, a artista atinge o ponto fulcral da poesia, que é instaurar uma nova realidade com as palavras. O projeto foi criado como uma alternativa à produção musical que, no início dos anos 2000, infantilizava as crianças. Partimpim era como o pai de Calcanhotto, um baterista de jazz, chamava a sua filha quando pequena - ela o chamava de Partimpai.

Do primeiro disco, que levou o nome dessa personagem, surgiu a gravação de "Fico Assim Sem Você". A canção de Claudinho e Buchecha se tornaria tão famosa na nova roupagem, que passou a ter autoria atribuída a Partimpim.

Os volumes "Dois", de 2009, e "Tlês", de 2012, inscreveriam o repertório no imaginário de sucessivas gerações. Tanto que Calcanhotto se diverte ao ser abordada na rua por

galal aus barbudos, que contam terem crescido com as canções.

Ela se filiava, então, à tradição da literatura brasileira. Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector dedicaram alguns livros às crianças. Nada em Partimpim, no entanto, indica um teor infantil. Calcanhotto diz ser difícil saber o que faz uma canção atrair o heterônimo. "Eu me sentia subestimada na infância. Sentia que os disquinhos para crianças não eram feitos para mim. O público infantil é considerado um ente só, então falam que precisamos fazer canções alegres para elas, porque elas são alegres, sen-



Divulgação

do que isso não corresponde em nada com a realidade", afirma Calcanhotto.

Em geral, o repertório Partimpim contém um aspecto lúdico, que se alicerça num olhar assombrado e reflexivo, como em "Por Que Os Peixes Falam Francês", parceria de Domenico Lancelotti e Alberto Continentino, faixa incluída no "Tlês".

Em "O Quarto", "Os Funis", poema do alemão Christian Morgenstern, traduzido por Augusto de Campos e musicado por seu filho, Cid. "Dois Funis andam pelo escuro / Através do seu fino furo / Flui o leite da lua", diz o poema. A aspereza à maneira concreta instiga a criatividade, com a imagem dos funis andantes.

Os objetos antilíricos contrastam com a delicadeza de "Estrela, Estrela", de Vitor Ramil. "Ele é muito importante para mim, é muito talentoso, original, parece que ele inventou uma coisa. O Vitor é muito grande", diz.

Antes de usar o figurino Partimpim, Calcanhotto quer vestir, bonitinha, um moletom e se enfiar na biblioteca da Universidade de Coimbra, em Portugal, para onde voltará, em janeiro, após ter ministrado cursos e obtido o título de Embaixadora da Língua Portuguesa.

Agora, ela fará pesquisas sobre inteligência artificial e música. Calcanhotto diz não ter medo da tecnologia e afirma que comporia uma canção com o auxílio da ferramenta. Até a viagem, ela tem brincado com essa "novílingua". Outro dia, abriu o chat e uma pergunta do robô lhe tirou o sono. "Você já quis mudar o verso de uma canção, enquanto cantava?", perguntou a máquina.

'O Quarto' segue a linha de releituras dos álbuns anteriores, mas traz duas canções autorais de Partimpim, a faixa-título e 'Malala (O Teu Nome é Música)'

Um reencontro pleno em afetos

Cearense Lúcia Menezes revê o repertório do amigo Belchior em show no Beco das Garrafas

Lúcia Menezes estreia nesta segunda (14), no Bottle's Bar, do Beco das Garrafas, o show "Belchior e Outras Bossas". Amiga de longa data do bardo cearense, a cantora promete um reencontro cheio de alegria, boas lembranças e histórias para contar.

E histórias não faltam mesmo, já que o autor de "Como Nossos Pais" produziu o primeiro álbum de Lúcia, lançado em 1991. No show, a cantora terá a companhia

de Camilla Dias (teclados e direção musical), Rubinho Jacob (violão) e Zé Leal (percussão).

O repertório passeia pela vasta e marcante obra de Belchior, além de outros compositores que norteiam a carreira da artista. Do riquíssimo cancionário do contrarrâneo, ela pinçou a já citada "Como Nossos Pais", "Paralelas", "Comentários a Respeito de John", "A Palo Seco", "Sujeito de Sorte", "Medo de Avião", entre outras. E as outras bossas que dão nome ao espetáculo incluem

clássicos da Bossa Nova, da Tropicália e músicas nordestinas.

A música sempre esteve presente na vida da Lúcia que nasceu em Itapipoca e chegou a vencer, com

apenas três anos de idade, um concurso de melhor voz infantil em sua cidade. A paixão pela música cresceu com ela, que seguiu participando de corais.

Alexandre Moreira/Divulgação



Lúcia Menezes teve Belchior como produtor de seu primeiro álbum

Incentivada pela professora de canto, iniciou uma carreira solo que logo encontrou palco em festivais regionais que a levaram a conquistar prêmios e pavimentar sua caminhada artística.

Sob a influência de Belchior, Lúcia incluiu quatro faixas do amigo em seu álbum de estreia, "Divina Comédia Humana". A ele se seguiriam outros sete trabalhos fonográficos. O mais recente é "Até que alguém me faça coro pra cantar na rua", produzido por José Milton e arranjado por Cristóvão Bastos e João Lyra, lançado em 2022.

De lá para cá, a artista vem se dedicando ao seu último trabalho e trabalhos paralelos, como esse show que homenageia seu grande amigo Belchior.

SERVIÇO

LÚCIA MENEZES - BELCIOR E OUTRAS BOSSAS

Bottle's Bar - Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Lojas J e K - Copacabana)

14/10, às 20h | Ingressos: R\$ 60

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Duda em novos beats

Duda Beat se junta ao DJ Batata na versão MTG de "Preparada". Envolta em um discurso empoderado, a faixa agora ganha o swing funk do DJ. "Esse convite para fazer um remix de uma das músicas que mais gosto de Duda Beat foi sensacional! Ela é uma artista que eu admiro muito pelo que ela representa e pela força que tem na cena musical. Estou animado com essa mpva roupagem que demos para essa faixa e levar a experiência para outro nível, misturando o melhor da Duda com a energia do funk", comemora o DJ.

Divulgação



Vitor Faria/Divulgação



Zeca relê Gonzagão

Zeca Pagodinho apresenta sua versão para o clássico forró de Luiz Gonzaga, "Dezessete e Setecentos". O cantor foi convidado por Regina Casé para dar voz à música de abertura de "Tô Nessa!", novo sitcom estrelado pela atriz na TV Globo. Sob a direção musical de Pretinho da Serrinha, Zeca reimagina o clássico forró Luiz Gonzaga e Miguel Lima, música que marcou o início da carreira do Rei do Baião na década de 50. Criada por Regina Casé e Jorge Furtado, "Tô Nessa!" acompanha as aventuras de Mirinda (Regina Casé), que embarca em diferentes empregos para pagar as contas.

Divulgação

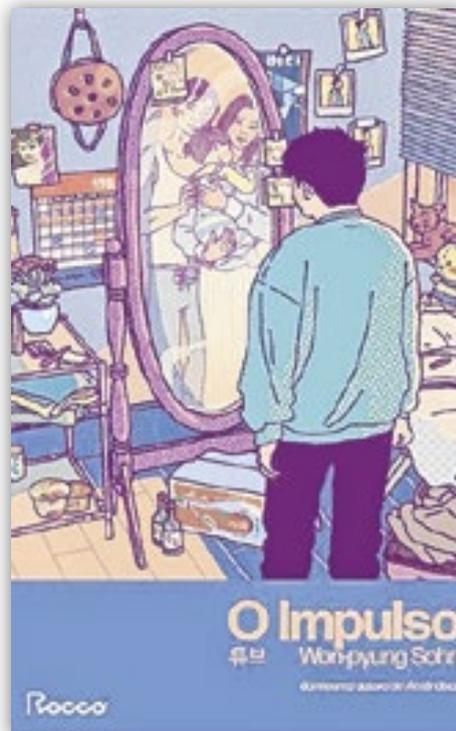
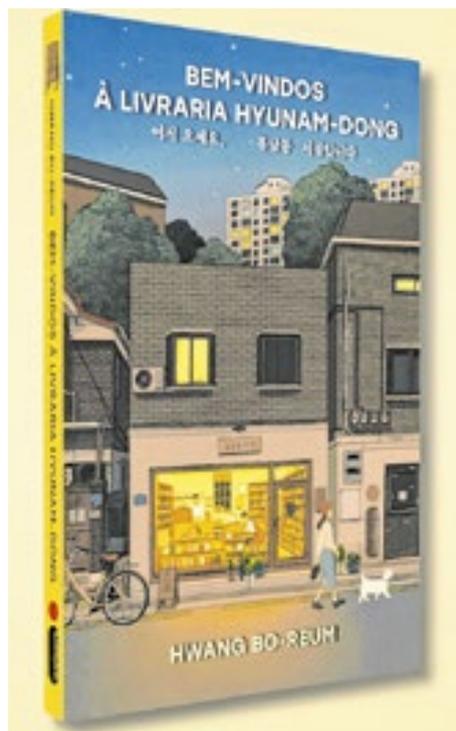


Com as 'afilhadas'

Reconhecida por sua voz marcante e canções de sucesso que têm conquistado o Brasil, a sertaneja Lauana Prado acaba de lançar o single "Fetichê", um feat com a dupla Cristinas, que ela conheceu em Minas Gerais e hoje gerencia a carreira. A faixa, que chega com clipe inédito, faz parte da série de lançamentos do audiovisual "Lauana Prado Transcende - Ao vivo no Ibirapuera", gravado com mais de oito mil pessoas, em São Paulo. Este é o segundo single de Lauana com a dupla. O primeiro foi "Sofrimento Líquido", que faz parte do álbum "Raiz Goiânia".

CRÍTICA / LIVROS

Invasão coreana nas letras?



Por Olga de Mello
Especial para o Correio da Manhã

O Nobel de Literatura concedido a Han Kang deve impulsionar o lançamento de títulos coreanos no Brasil – no que as editoras já vêm apostando há tempos, salpicando as prateleiras de Pindorama com variados exemplares da produção do país. Não faltam livros de cura (healing fiction), como “Bem-vindos à livraria Hyunam-dong” (Intrínseca, R\$ 34,90), de Hwang Bo-Reum, que resolve os dramas existenciais dos personagens pela convivência em um ambiente de leitura, ou os (bons) títulos destinados a jovens adultos, como “O impulso” (Rocco, R\$ 46,90), de Won-pyung Sohn, cujo neurótico protagonista busca uma transformação física para estimular a mudança de seu quadro psicológico.

Han Kang está distante dessa onda coreana, que já conquistou a música pop e os seriados de televisão, os chamados doramas. Seus temas refletem a angústia de uma sociedade controladora, que se desespera diante de decisões individuais. Em “A vegetariana” (Todavia, R\$ 67,90), quando Yeonghye decide parar de comer carne e, gradualmente, adota novos hábitos de vida, entre eles o de não conversar mais, são seu marido, o cunhado e a irmã que narram o processo de alheamento da mulher. Em “Atos Humanos” (Todavia, R\$ 70,90), ela aborda protesto estudan-

til reprimido duramente pelo exército, matando milhares de manifestantes, em maio de 1980, na cidade sul-coreana Gwangju. No poético “O livro branco” (Todavia, R\$ 52,90), ela parte de uma reflexão sobre o branco – cor do luto no Oriente – para falar sobre a morte de uma irmã mais velha, bebê, tratando das memórias aprendidas em família. Uma escritora versátil, que jamais deixa de lado a densidade e trata da angústia universal da contemporaneidade.

Correspondente de guerra e especialista em direitos humanos, a jornalista italiana Francesca Borri foi às Ilhas Maldivas, em 2016, para entender por que o país era o maior fornecedor de voluntários estrangeiros para grupos de guerrilheiros islâmicos. A conclusão fica para o leitor de “Que paraíso é esse? Entre os jihadistas das Maldivas” (Ayné, R\$ 30), com a descrição de um país dividido: algumas ilhas do arquipélago abrigam



resorts luxuosos onde a população local pode trabalhar, mas nunca frequentar. O turismo é a maior fonte de renda nas Maldivas, porém as condições de trabalho não conferem a menor qualidade aos empregados, que passam meses fora de casa, sem folga. E as moradias se concentram na apinhadíssima capital, Malé, onde moram 120 mil pessoas (de um país com 350 mil habitantes), sujeitas às regras extremamente restritivas de um Estado teocrático, enquanto os turistas têm direito a manter seus hábitos de consumo de álcool ou uso de roupas de banho exíguas, proibidos às mulheres muçulmanas. A ambição de boa parte dos homens jovens é migrar para a Síria e entrar nas forças de combate. “Nas Maldivas todo mundo tem um irmão, um primo, um amigo na Síria”, diz Francesca, que conversou com chefes de gangues, estrangeiros donos das pousadas que recebem (poucos) mochileiros, traficantes e empregados de resorts, com um olhar receptivo às diferenças culturais. Um livro pequeno e impressionante.

Para quem gosta de realismo fantástico, em tons bem brasileiros, “A casa da mãe dos homens” (Telha, R\$ 82,90), de Ione Mattos, traz a convivência direta entre vivos e mortos dentro de um casarão do bairro carioca da Tijuca. Um jovem órfão leva o leitor para o espaço seguro onde todos podem explorar seus receios, derrubando tabus, protegidos do mundo exterior por Mãe Mirtila, que os lidera nas descobertas pessoais.

Quando a indignação entra em cena

Solo de Analu Prestes leva aos palcos o conto 'Senhor Diretor, da imortal Lygia Fagundes Telles

Vencedora do Prêmio Camões, honraria máxima da literatura em língua portuguesa, e primeira mulher brasileira a ser indicada ao prêmio Nobel de Literatura, Lygia Fagundes Telles (1918-2022) teve algumas de suas obras adaptadas para cinema, televisão e, curiosamente, poucas para o teatro – entre elas o multipremiado romance “As Meninas” (1973). O público carioca pode conferir no Espaço Abu, em Copacabana, a encenação de outro trabalho da autora, o conto “Senhor Diretor” – extraído do livro “Seminário dos Ratos”, de 1977.

Protagonizada por Analu Prestes, a adaptação é realizada pela diretora Silvia Monte, que desde março está à frente, no mesmo espaço, do ciclo mensal Leituras em Cena. O programa com leituras dramatizadas de textos literários ganhou em agosto uma edição especial dedicada à obra de Lygia, que, assim como o espetáculo, segue até novembro.

“Ao reler os contos de Lygia para a progra-



Alexia Maltner/Divulgação

Analú Prestes no monólogo 'Senhor Diretor', adaptação teatral de conto de Lygia Fagundes Telles

mação de Leituras em Cena, me deparei com Senhor Diretor e pensei imediatamente na Analu Prestes para viver a heroína da história. E foi exatamente o desejo de possibilitar o encontro de duas grandes artistas brasileiras amantes da palavra – Lygia e Analu – que me fez querer encenar esta obra”, argumenta Silvia, que convidou a atriz para a leitura deste conto, em maio, e o arrebatamento da plateia

foi o incentivo final para a montagem do espetáculo.

“Ao ler esse conto, fiquei completamente fascinada. E uma das coisas que me encantou nesse projeto foi trazer a literatura para a cena. Primeiro porque as pessoas vão entrar em contato com uma grande autora e ficar com curiosidade de pesquisar mais sobre a obra dela. E ao levar uma obra literária à

cena, você estimula o público, mesmo quem não tem muito o hábito de ler, a mergulhar na literatura, o que é maravilhoso”, comenta Analu que, além de atriz, é cenógrafa, figurinista e artista plástica e iniciou sua trajetória profissional com os irmãos Zé Celso e Luís Antônio Martinez Corrêa, ambos criadores do Teatro Oficina, de São Paulo.

No cenário minimalista composto apenas por uma cadeira e assinado por Analu Prestes (assim como o figurino), a professora aposentada Maria Emília passeia pelas ruas de São Paulo no dia de seu aniversário de 62 anos e se choca ao avistar a capa de uma revista na banca de jornal com um casal seminu enlaçado, estopim para sua indignação com o caos em que vê a sociedade mergulhada. Decide, então, escrever uma carta ao diretor do Jornal da Tarde para expor sua revolta e, à medida em que mentalmente elabora a carta, tem seu pensamento disperso entre recordações e impressões sobre os acontecimentos à sua volta.

“Senhor Diretor’ tem um elemento que me encanta, é a forma bem-humorada e leve que Lygia aborda temas profundos como solidão, juventude e envelhecimento, vida e morte. Uma mulher que, aos 62 anos, em 1977, no dia do seu aniversário, pensa sobre a sua vida casta e fiel a tudo que lhe ensinaram como a vontade de Deus. Mas, seria mesmo?”, provoca Silvia.

No intimista Espaço Abu, de apenas 40 lugares, a proximidade da plateia com a cena é um dos trunfos da montagem, segundo a diretora: “Assim como nas leituras, será possível criar uma maior cumplicidade e reforçar o clima de testemunho da personagem com os espectadores, todos transformados no Senhor Diretor”. Também a iluminação de José Henrique Moreira e a trilha incidental assinada por Yahn Wagner pontuam a história reforçando momentos importantes da trama.



Divulgação

Lygia Fagundes Telles teve sua obra traduzida em 11 países

Autora teve obras adaptadas para teatro, cinema e TV

Escritora, romancista, contista e cronista, Lygia Fagundes Telles (1918-2022) publicou seu primeiro livro de contos “Porão e Sobrado” (1938) aos 20 anos. Com o romance “Ciranda de Pedra” (1954), a autora inicia a maturidade da sua carreira.

Na década, casada com o historiador e crítico de cinema Paulo Emílio Salles Gomes

(1916-1977), começou a escrever roteiros para cinema. Sua relação o audiovisual a leva a assumir a presidência da Cinemateca Brasileira após a morte do companheiro.

Lygia conhece o auge nos anos 1970, obtendo reconhecimento da crítica e conquistando uma legião de leitores. Neste período lançou alguns de seus títulos de maior suces-

so: “Antes do Baile Verde” (1970), “As Meninas” (1973) e “Seminário dos Ratos” (1977). Sua obra – 18 livros de contos e quatro romances – foi traduzida para 11 países, entre eles França, Estados Unidos, Alemanha, Itália, Holanda, Suécia, e Espanha. Também foi adaptada para TV, teatro e cinema.

A autora recebeu os maiores prêmios nacionais de literatura, foi indicada ao Nobel e a consagração definitiva viria com o Prêmio Camões (2005), distinção maior em língua portuguesa pelo conjunto da obra. Lygia foi eleita em 1985 para a Academia Brasileira de Letras (ABL), ocupando a cadeira 16 na vaga deixada por Pedro Calmon.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Conflitos políticos nunca passam incólumes pelo Festival do Rio e as batalhas de Israel, seja as questões atuais com o Irã, seja a eterna rusga com Palestina, fazem parte do pacote do evento carioca, que encerrou ontem sua edição 2024. Um dos longas-metragens estrangeiros de mais repercussão da maratona veio de Tel Aviv: “O Soldado Sem Rastros” (“The Vanishing Soldier”).

Em 2023, a produção estreou mundialmente na competição oficial de Locarno. Schlomi, seu protagonista, é um israelense de 18 anos, que pode ser descrito como um herói. Ou quase.

A boa (mas, apesar disso, controversa) acolhida ao longa-metragem de Dani Rosenberg nas telas da maratona cinematográfica do RJ faz de Rosenberg uma promessa em telas da América Latina. O cineasta é de uma geração atenta ao pop, menos subserviente a ditames geopolíticos do que outros artesões de sua terra natal.

“Filmes precisam ser apreciados pela força estética que carregam como cinema e não apenas pela temática que abordam”, defende o diretor, numa conversa com o Correio da Manhã em Locarno, onde incendiou um debate sobre as formas de representação da juventude (e do heroísmo) em um território cindido por conflitos históricos. “Quando eu penso em Schlomi, Antígona me vem à cabeça, numa alusão a um ensinamento dos gregos, do teatro, a partir de onde passamos a perceber que heróis são rebeldes forçados a pagar um preço pela jornada de formação que empreendem”.

Frenético, por vezes, triste, e, muitas vezes, bem-humorado, “O Soldado Sem Rastro” mostra as



Bem recebido no Festival do Rio, ‘O Soldado Sem Rastros’ hoje busca espaço em circuito

Cicatrizes de Israel

Politizado e tenso, ‘O Soldado Sem Rastros’ sacodiou o Festival do Rio – que abre sua repescagem - ao mostrar a juventude Tel Aviv sob a ótica de um fugitivo dos fronts

consequências de uma traquinagem de fim de adolescência (mas muito perigosa) praticada por Schlomi: em meio a um ataque à sua unidade militar, ele foge. Cheio de planos para o futuro, o rapaz presta serviço no Exército para apoiar sua pátria. Contudo, a chance de sumir oferece a ele uma oportunidade de deixar a violência para trás. O problema é que seus colegas de farda e seus oficiais acreditam que ele foi morto pelo inimigo ou foi capturado. Logo, o tal “recruta desaparecido” de que fala o título do longa de Rosenberg acaba por se tornar uma figura mítica num con-

texto onde crescer e lutar são verbos sinônimos.

“Foi negada a Schlomi a chance de ter uma adolescência como a de outro jovem de sua idade o que o impele a construir uma outra narrativa para seu presente. Isso tem um custo”, diz o diretor, que filmou em locações improvisando muitas tomadas, burlando (vez ou outra) a exigência de documentos oficiais de permissão para rodar em espaços públicos. “Fomos avisados que o Hamas estava de olho na gente. Depois, recebemos a informação de que essa célula entendeu que só estávamos rodando um filme”.

Embora tenha uma mirada provocativa sobre a imposição do serviço militar aos israelenses, “O Soldado Sem Rastro” – que hoje busca estreia em circuito comercial sul-americano - está mais preocupado em gerar uma espécie de crônica da chamada “primavera da vida”, centrada em na chegada da vida adulta. Por isso, a atitude fujona de Schlomi – que é bem interpretado pelo ator Ido Tako – evoca o mítico matador de aulas Ferris Bueller, imortalizado por Matthew Broderick em “Curtindo a Vida Adoçada” (1986).

“Pensei em Ferris e pensei mui-

to no Marty McFly da trilogia ‘De Volta Para o Futuro’ em meio à criação do perfil de Schlomi, por retratar esse espírito de alguém que foge das imposições institucionais”, diz Rosenberg. “Ao mesmo tempo, o jovem que Schlomi simboliza é visto no meu filme sob uma perspectiva contrária ao épico, contrária ao legado de ‘A Odisseia’. É um herói que aprende, aos poucos, que a vida não é um sonho”.

Nesta segunda, salas do Grupo Estação em Botafogo e na Gávea iniciam a Repescagem, uma mostra extra que dá chance à população local de ver alguns dos hits da programação integral, exibida de 3 a 13 deste mês. A boa pedida de hoje é “Império”, comédia sci-fi que rendeu o Prêmio do Júri ao gaulês Bruno Dumont na Berlimale: passa às 18h30, no Gávea 2. Lá mesmo, às 21h15, rola o documentário “Misty – A História de Erroll Garner”, de Georges Gachot, sobre um mito do jazz. A boa do Estação NET Rio é a projeção seguida de dois documentários do chinês Wang Bing feitos para sua trilogia “Juventude”: às 14h rola “Tempos Difíceis” e às 18h, “De Volta Ao Lar”. Na quarta, há um título imperdível: o terror “Herege”, com Hugh Grant, em sessão às 21h45, no Estação NET Gávea 5.

ENTREVISTA / CHRISTOPHE HONORÉ, CINEASTA

'O perímetro da memória é vasto'

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Terminado o Festival do Rio, longas-metragens de vertente autoral que não foram absorvidos pela maratona carioca agora encontram espaço em circuito em telas como a do Cine Santa Teresa, que acolhe até quarta, às 13h15 e às 18h, o belíssimo “Inverno em Paris” (“Le Lycéen”). É o relato mais pessoal do francês Christophe Honoré, revelado ao cinema na disputa pela Concha de Ouro de San Sebastián, em 2022.

Desde então, a produção ficou inédita por aqui, apesar do prestígio crescente de seu protagonista, Paul Kircher, filho da atriz Irène Jacob. Ele saiu de San Sebastián laureado com o prêmio de Melhor Interpretação por sua atuação, no papel do alter ego de Honoré, que participa do elenco numa (rara) incursão dramática na pele do pai do Kircher.

O roteiro é a reconstituição dos dias de luto que o cineasta sofreu com a perda de sua figura paterna, ainda bem moço, enquanto fazia as pazes com sua orientação sexual numa década de 1980 assolada pela Aids e pela homofobia, com dizeres como “câncer gay”.

Há sempre um aroma fúnebre nos filmes desse festejado realizador, por mais lúdicos e leves que sejam. Respeitado no universo da literatura, por romances como “Tout contre Léo” (1995), e elogiado nos palcos em seu trabalho como encenador, o diretor virou um quindim pra crítica europeia, arrebatando uma legião de fãs. Ganhou tientes quando lançou o musical “Canções de amor” (2007), aos 37 anos, sendo definido como um herdeiro de Jacques Demy (1931-1990). A comparação com o mestre por trás de “Os guarda-chuvas do amor” (1964) veio pela maneira como ambos redefiniram o uso não realista da música como diálogo. Repetiu a marca em “Bem Amadas” (2011).

Em maio deste ano ele concorreu no Festival de Cannes com “Marcello Mio”, um jogo de armar baseado na relação entre a Chiara



Pablo Gómez/SSIFF

Mastroianni e seu pai, o astro de “La Dolce Vita” (1960). Ela resolve se vestir como ele e imitar seu modo de falar, de ser e de querer, num processo de investigação afetivo. O filme vai estar na 48ª Mostra de São Paulo, que abre suas portas nesta quinta-feira. Até lá, para os cariocas, vale entender o que ele, Kircher e Juliette Binoche aprontaram em “Inverno Em Paris”. Na entrevista a seguir, dada ao Correio da Manhã em San Sebastián, Honoré diseca suas muitas narrativas e afetivas.

Como foi estruturada a relação com Juliette Binoche na construção de uma personagem que espelha sua mãe?

CHRISTOPHE HONORÉ: O perímetro da memória é vasto e nele cabem muitos demônios e muitas ausências. Tentei atuar com ela, na maneira que minha recordação da figura paterna e de um amor que se partia permitia.

O quanto “Inverno em Paris” reordena fatos de sua saudade em relação ao luto?

CHRISTOPHER HONORÉ: É um filme sobre o jovem que eu fui sem ele, mas transporto isso para a história de outro menino, que assume seu desejo em meio a muitas descobertas. Tem muito de mim. Não por acaso, eu mesmo interpreto a figura paterna, que mor-



Divulgação

Christophe Honoré trafega por lastros autobiográficos ao falar e seu pai em ‘Inverno em Paris’, com Paul Kircher

re no início. Fui a San Sebastián com ele para buscar diálogo, fazer essa trama catártica ser vista.

O que torna o risco da morte e as espectralidade questões centrais no seu cinema?

Já na casa dos 50 anos, eu me vejo ligado a uma geração que escapou de se infectar com o HIV, mas que viveu suas primeiras experiências sexuais à sombra da Aids, com medo da contaminação, vendo nossos ídolos queer morrerem doentes. A Aids sempre esteve coma gente, como um fantasma, mas também como um balizador do desejo. E cinema vem do desejo. Eu filmo para exercitar o que desejo. No caso de “Inverno Em Paris”, o maior interesse era recordar da juventude que tive, de uma França que ficou na nostalgia, sem ter que passar pelo perímetro do próprio cinema francês para reconstruí-la.

Você ganhou fama nos anos 2000 como um artesão do musical, apostando num registro não realista. Onde entra a linha mais experimental, e mesmo autobiográfica, de seus novos filmes?

Embora eu venha da literatura,

não tenho obsessão pelas vírgulas ou pelos acentos agudos do meu texto: meu roteiro existe para ser reinventado no set. Por isso, eu não ensaio, pois prefiro trabalhar com a matéria viva da descoberta. Janto com as atrizes e os atores, converso com o elenco, dou referências do que ver ou ler e parto para um processo de interação no qual os atores personalizam a história que tenho para contar. No caso de Chiara, ela é uma amiga e uma parceira de sets. Temos já afinção. Sobre a autobiografia: eu estou sempre em busca de minhas cicatrizes.

De alguma maneira, a sua maturidade pessoal e profissional pesa na amargura que há em torno dos personagens? Pesa na forma como Chiara se reporta a Mastroianni?

Estou no momento em que vejo uma série de jovens de 20 e poucos anos que me responsabilizam por sua escolha em fazer cinema por conta de terem visto meu “Canções de Amor” quando eram muito garotos. Eu já estou num momento de perceber uma distância geracional entre mim e uma nova linhagem de diretores.

CRÍTICA / RESTAURANTE / MOSTEIRO

Tratamento a pão de ló

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

O Restaurante Mosteiro, na Rua São Bento, vê passar a história. Empresários, políticos, artistas, sempre ali se reuniram, com total discrição - pois suas mesas são distantes - para tomarem importantes decisões. Normalmente, abriam o almoço com as melhores empadas da cidade. Fomos lá conferir e continuam do mesmo jeito: imbatíveis. Frango, palmito e camarão, sem qualquer dessas invenções.

Fui com Reinaldo Paes Barreto, especialista em tudo que há de melhor e grande contador de histórias.

Frequentador habitual, se juntou a mim no croquete de alheira, linguiça de carne de caça e ave (meu embutido favorito).

Depois, comemos os principais à discrição, como dizem os franceses. Reinaldo pediu o Arroz de Polvo, com micro pedaços de polvo e encharcado do sabor do molusco, foi considerado pelo experimantado gourmand o melhor que comeu na vida.

A ousadia de uma Francesinha foi o que chegou à mesa. O sanduíche (fatias grossas de pão de forma, fiambre, linguiça, bife e queijo com o ovo estrelado no topo) chega acompanhado de batatas fritas. Chef Alfredo, que trabalhou em Portugal, apresentou a perfeição: o



Divulgação

Sem qualquer complicação, as empadas do Mosteiro respeitam a tradição e, por isso mesmo, são as melhores da cidade

ovo com a gema mole o suficiente para se misturar com o molho. Ah! O molho. Consistente, com todos os sabores dos temperos e o gosto da carne. Para comer de colher. E

assim o fizemos. Encerramos essa etapa com um pão de ló de Ovar que se juntou muito bem ao café.

A experiência foi tão boa que no dia 19 vamos repetir a dose, durante a segunda edição da Feira de Vinhos do Mosteiro. Serão sabores portugueses e Italianos regidos à quatro mãos pelos chef Alfredo Galhães e Arnaldo Pantani, do Il Piccolo Cucina Bar, outro restaurante do grupo Belmonte, capitaneado com coragem e acerto pelo cearense Antonio Rodrigues. Prova de vários rótulos, entradas, principais e sobremesas para se escolher as delícias portuguesas e italiana, tipo entre as duas meu coração balança. Não perdemos por nada.

SERVIÇO

MOSTEIRO

Rua São Bento, 13 - Centro
Segunda a sábado (11h às 22h) e domingos (11h às 16h)

Feira de Vinhos do Mosteiro:
19/10, das 11h30 às 17h

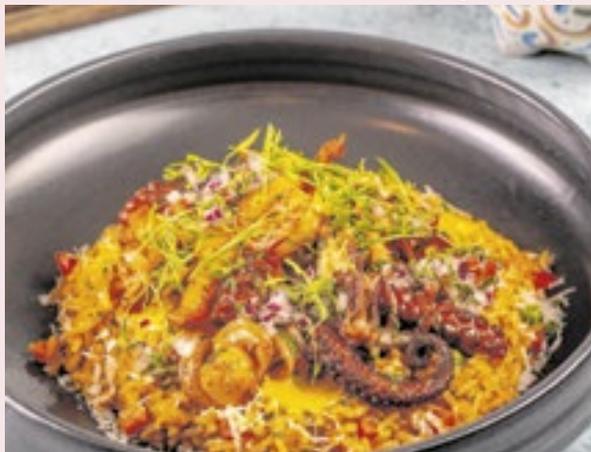
NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

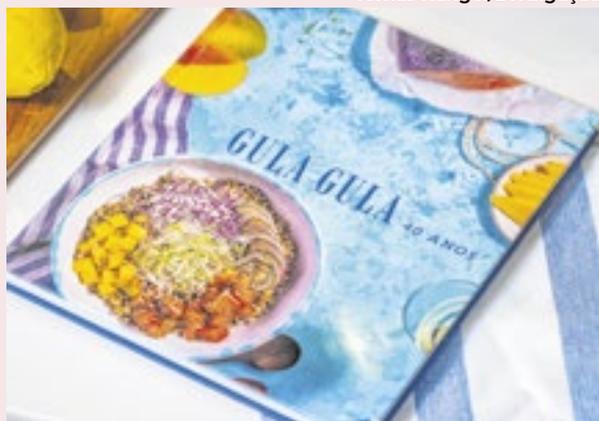
Novidades nikkei

Centro da cozinha Nikkei, a combinação das cozinhas japonesa e peruana, o Lima lança novos pratos. Dos petiscos, o Siri Andino, o Pulpo al Olivo e o Camarão Nikkei até a sobremesa Merengado de Maracujá, há também os Tiraditos de Salmão e Caprese (os crusos de peixe à moda peruana), o Arroz de Mar Clássico (foto - peixe, camarão, lula, polvo e temperos peruanos) e o Passeio Peruano (arroz com marisco, ceviche de peixe, lulas crocantes e causa de pulpo). As novidades saem da cozinha criativa de qualidade do chef Marco Espinoza.

Tomás Rangel/Divulgação



Tomás Rangel/Divulgação



Gulas & letras

Criado em 1984 no Leblon, o Gula Gula lança livro para celebrar seus 40 anos. A publicação reúne a história da casa, da fundação do primeiro restaurante até os desafios enfrentados pelo grupo na pandemia. E, é claro, revela 20 receitas de seu cardápio, entre as quais os clássicos paillard com fetuccini, salada frango ao pesto e torta de limão, além de novidades recentes do menu, como os pokes de atum e de salmão, o brownie recheado com doce de leite sem glúten e a tostex de queijo. Disponível nos restaurantes e nos site www.gulagula.com.br.

Divulgação



Para os mestres

A Don Casero reconhece o valor dos professores em nossa sociedade e criou uma linha especial de produtos para homenagear a quem devemos e que é decisivo na construção do futuro. As latas de Galletas de Doce de Leite (foto), uma com embalagem pintada com lápis, pincel, caderno, super colorida; a outra, com desenho de régua. As caixas de biscoitos amanteigado decorado em formato de vogais e colorido ou quadro de giz escrito "a - b - c" e caderno. E não poderia faltar o Livro Alfajor especial Dia do Professor. Venda nas lojas e no site www.domcasero.com.br.